



*'Succederà Questa
Notte', de Nanni
Moretti, conta com
Jasmine Trinca e
Louis Garrel
em seu elenco*

NUOVO RISORGIMENTO

MAIOR RIVAL DE HOLLYWOOD NA HISTÓRIA, SOBRETUDO APÓS O NEORREALISMO, DOS ANOS 1940 AOS 70, **O CINEMA ITALIANO, ABALADO NO FIM DO SÉCULO XX POR VELHACARIAS POLÍTICAS**, GANHA UM NOVO TÔNUS A JULGAR PELA **PRATA DA CASA NO FESTIVAL DE VENEZA, CAPITANEADA POR 'SUCCEDERÀ QUESTA NOTTE', DE NANNI MORETTI**, EM DISPUTA PELO LEÃO DE OURO. **O CORREIO DA MANHÃ VAI AO LIDO NAS PÁGINAS 2 E 3**

Renascimentos de grifes à italiana



Após a passagem de 'Succederà Questa Notte', de Nanni Moretti, Veneza expande sua investigação de novos veios autorais de sua nação ao conferir 'L'estranea', de Paolo Strippoli, nesta terça

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Existe uma forte chance de o Brasil trazer o Leão de Ouro para cá este ano, mas terá de dividir seu troféu com a Itália, pois "Retorno a Buenos Aires" — uma investigação sobre as chagas das ditaduras sul-americanas — é uma coprodução com a pátria de Fellini, dirigida por um chileno, Marco Bechis, que tem ascendência italiana lá na Terra da Bota, onde o neorealismo nos deu "Ladrões de Bicicleta" (1948) e "Roma, Cidade Aberta" (1945).

Mesmo com parte de seu DNA sendo brasileiro, o longa-metragem integra um grupo de cinco expressões autorais de peso que representam a tradição italiana entre os 21 concorrentes do Festival de Veneza. Concorrem com Bechis os diretores Paolo Strippoli, Edoardo De Angelis, Andrea Pallaoro e um titã: Nanni Moretti.

Ganhador da Palma de Ouro de 2001 por "O Quarto do Filho", esse bamba das comédias políticas (e do melodrama também) ficou 45 anos longe da competição do Lido — o centro nervoso dessa maratona cinéfila — depois de ser laureado com o Prêmio Especial do Júri por "Sogni d'Oro", em 1981 (em empate com "Eles Não Usam Black-tie", do carioca Leon Hirschman). Afastou-se por quiproquós políticos com a direção da La Biennale di Venezia, decorrentes de maus tratos a seu "Palombella Rossa" (1989), e fechou parceria estreita com Cannes, que, nos últimos anos, parou de dar bola (e estatuetas) para seu cinema corrosivo, mas popular.

"Succederà Questa Notte", com Louis Garrel e Jasmine Trinca, passou no domingo, marcando sua volta às gôndolas, numa comprovação de que a velha centelha autoral de sua pátria, maior rival de Hollywood na História, ainda provoca incêndios.

Nesse novo trabalho de Moretti, com as tintas agridoces habituais, quatro inquilinos moram no mesmo prédio, em uma cidade israelen-



'Succederà Questa Notte' conta com Jasmine Trinca e Louis Garrel no elenco



A hollywoodiana Valeria Golino integra o elenco de 'Nessun Dolore'



Paula Cohen é uma das estrelas brasileiras em 'Retorno a Buenos Aires', de Marco Bechis, em disputa em Veneza

se. Cada um se depara com problemas pessoais e vagas emocionais. Suas vidas estão interligadas enquanto buscam realização, conexão e redenção. Já se fala numa láurea de Melhor Direção para o realizador e até no Grande Prêmio do Júri.

O que se fala mais, alto e forte, é que "Succederà Questa Notte" simboliza o que compatriotas dele chamam de Nuovo Risorgimento, um renascimento de veias estéticas. Um ressurgimento com uma força tão grande quanto a que se viu há 18 anos, quando "Gomorra", de Matteo Garrone, e "Il Divo", de Paolo Sorrentino, tiraram a indústria cine-

matográfica da Itália dos aparelhos de respiração que a mantiveram, a duras penas, por quase três décadas. Em tempos de derrocada daquele povo nas telonas, a ironia nannimoretiana de "O Crocodilo" (2006), "Aprile" (1998) e "Caro Diário" (1993) manteve a dignidade daquele audiovisual em alta.

"Muita coisa mudou no mundo, sobretudo a velocidade de consumo", disse Moretti ao Correio, em Cannes, ao iniciar "Succederà Questa Notte". "O sistema político já foi um sistema sólido, mas, neste momento, enfrentamos uma fase de desarticulação. Se pensarmos na

Itália, falta um leme na execução da nossa atividade. O streaming surgiu hoje com força e funciona muito bem no sistema produtivo das séries, mas, no campo dos filmes, o papel criativo do diretor não é o que foi. Fui formado por um tipo de narrativa pré-1968 em que cada filme refletia sobre a realidade e sobre o próprio cinema, com Ermanno Olmi, Marco Ferreri, os irmãos Taviani, o Free Cinema inglês e a Nouvelle Vague. Um cinema que nos fazia não sermos imparciais".

Com 50 anos de longas na carreira, a começar por "Eu Sou Autossuficiente" (1976), Moretti foi a

clareira que, pelas vias da ironia e da sátira política, manteve a grandeza do cinema italiano viva e festejada na década de 1980. Começou ali a Idade Média midiática em que Silvio Berlusconi (1936-2023), no comando político daquele país, sucateou a produção audiovisual local, a fim de valorizar mais a TV do que a telona. Uma terra de gigantes — Rossellini, De Sica, o já citado Fellini, Visconti, Antonioni, Pietro Germi, Pier Paolo Pasolini, Elio Petri, Lina Wertmüller, Valerio Zurlini —, próspera na seara dos filmes de gênero, seja no terror (com o giallo de Dario Argento), no



Proscrita em Hollywood, Susan Sarandon divide tela com Luca Marinelli em 'The Echo Chamber'



'L'Estranea', de Paolo Strippoli, ganha as telas do Lido nesta terça-feira (8)



Laureado com o prêmio de atuação de Veneza em 2025, Toni Servillo retona com Scherzetto



'Il Fuoco Che ti Porti Dentro' põe Edoardo De Angelis em competição

faroeiro (com as macarronadas de Sergio Leone, Tonino Valerii e Sergio Corbucci) ou nos épicos de gladiadores (o peplum), mingou por um bom tempo, de 1984 a 2008, vendendo suas fontes de fomento à produção cinematográfica escassearem. Até campeões de bilheteria como Carlo Pedersoli e Mario Girotti (conhecidos como Bud Spencer e Terence Hill) deixaram de fazer os longos da franquia "Trinity", sob a guilhotina de Berlusconi, restando visibilidade a poucos cineastas. Giuseppe Tornatore (com "Cinema Paradiso") e Roberto Benigni (com "A Vida É Bela") souberam flertar

com as receitas da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood.

Resistentes do movimento moderno também se mantiveram firmes, como o finado Bernardo Bertolucci (1941-2018) — que fez incursões pelo Oriente e filmou em outras línguas — e o até hoje imparável Marco Bellocchio, que filmou "O Traidor" (2019) no Rio e está rodando "Falcon", com Pierfrancesco Favino, sobre o empresário Sergio Marchionne, da Fiat. Mas esses dois são crias dos anos 1960. Moretti, não. É, portanto, cria de outra Itália, desmobilizada da tradição e mesmo

da revolução dos modernos do novo cinema de vanguarda. Nem por isso deixou de buscar revoluções, filme a filme.

Há outros revolucionários como ele na grade de Veneza, mas fora de concurso. Um deles é Mario Martone (de "Nostalgia"), que conta com o Raul Cortez chamado Toni Servillo à frente de "Scherzetto". O astro, premiado com a Copa Volpi de 2025 — o troféu oficial de Melhor Atuação de Veneza, entregue a ele por Fernanda Torres, que era jurada no ano passado — por "La Grazia", regressa agora no papel do ilustrador Daniele Mallarico.

Aos 70 anos, ele terá de cuidar do neto, Mario, que tem cinco anos e é um pequeno furacão.

Com status de medalhão autoral, Gianni Amelio ("As Chaves de Casa") clama para si os holofotes do Lido com "Nessun Dolore", escalado em exhibições paralelas à corrida ao Leão. É um drama intimista sobre imigração, estrelado por Alessandro Borghi ("As Oito Montanhas") e Valeria Golino ("Rain Man"). Em sua narrativa, um fenômeno contagiante do sono atinge toda a população de uma cidade. Dois escoteiros continuam sendo os únicos acordados.

Nesta terça-feira, a competição pelo Leão de Ouro confere "L'Estranea", de Paolo Strippoli. Em seu enredo, uma mulher aparece inesperadamente à porta da casa da filha para lhe contar a verdade sobre sua família — uma verdade ligada a um pacto firmado muitos anos antes com uma desconhecida. Com a revelação, um segredo enterrado durante anos está de volta para cobrar seu preço.

Nesta quarta-feira, é a vez de "Il Fuoco Che Ti Porti Dentro", de Edoardo De Angelis (o mesmo do épico bélico "Comandante"). Seu protagonista, Antonio, deixou Nápoles muitos anos atrás e construiu em Milão uma família e uma carreira de sucesso, mantendo-se distante de sua mãe, Angela — uma mulher excessiva, para o bem e para o mal, mas irresistível. Ela vai visitá-lo no Natal e parece decidida a ficar.

Exibido no domingo e na segunda-feira a uma Veneza curiosíssima, "The Echo Chamber", de Andrea Pallaoro, pode dar a Copa Volpi à veterana Susan Sarandon, hoje proscrita nos EUA por atos políticos avessos ao trumpismo. Sua premissa veio de Bertolucci (que nos deixou em 2018). Em seu olhar para o amor e os espaços, Leo (Luca Marinelli) e Anne (Alicia Vikander) perseguem um ao outro, aproximam-se, perdem-se e voltam a se procurar. Não conseguem se separar, mas tampouco conseguem se libertar. Pelos cômodos ressoa a voz de Ava (Sarandon), atravessando o tempo e fazendo emergir aquilo que resiste — ou aquilo que já não pode mais ser contado.

Veneza anuncia sua premiação no dia 12, data em que se saberá a sorte de "Retorno a Buenos Aires" e de Marco Bechis, cineasta antes conhecido por "Terra Vermelha" e "Garagem Olimpo". Estrelado pelo italiano Adriano Giannini, o filme reúne Paula Cohen e Eduardo Hoy, do Brasil, em papéis de destaque, além das atrizes argentinas Ana Celentano, Vero Gerez e Olivia Nuss. Cineastas de peso de nosso front autoral, como Cibele Amaral ("Momento Trágico") e André Ristum ("Meu País"), estão nos créditos de produção da fita.

Em "Retorno a Buenos Aires", o personagem central, Mariano Guerra (Giannini), é chamado a retornar à Argentina para testemunhar no julgamento dos militares que o sequestraram e torturaram durante a ditadura militar — a mesma que, em 1978, organizou a Copa do Mundo de Futebol enquanto o país vivia sob uma repressão clandestina. A história dialoga diretamente com a trajetória do próprio Bechis, que foi preso político durante a ditadura argentina, vivência que marca sua filmografia e confere ao longa um caráter testemunhal.

Resta saber seu impacto sobre a presidente do júri, a atriz e cineasta Maggie Gyllenhaal, e os demais integrantes do colegiado.



O Pescador (Gana)

CEPs cinéfilos nas Áfricas que filmam

Diferentes países do continente africano batem ponto na mostra que o CCBB-RJ abre quinta

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Depois de brilharem na 76ª Berlinale, por meio do Chade, com “Soumsoum, La Nuit Des Astres” (coroadado com o Prêmio da Crítica), e no 79º Festival de Locarno, com “Atcha Atcha”, as muitas expressões autorais da África nas telonas agora convergem para o Rio, trazendo boas novas ao Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) a partir desta quinta. Neste 10 de setembro, uma sessão de “Memória da Princesa Mumbi”, rodado por Damien Hauser na ponte Quênia e Arábia Saudita, leva um debate sobre o uso de inteligência artificial para a abertura da edição 2026 da Mostra de Cinemas Africanos.

Sob curadoria de Ana Camila Esteves, o evento põe a imaginação no primeiro plano ao lançar um olhar especial sobre o cinema de gênero produzido em diferentes territórios da África, passando pela ficção científica, horror, aventura, comédia, romance e thriller psicológico sem abandonar questões políticas, transformações urbanas e embates sociais. Até o dia



Goat (Quênia)



Dëmm – Devoradoras de Almas (Senegal)



As Desvirtuosas (Burkina Faso)



Bam-Bam (Nigéria)

16, produções de países como Senegal, Quênia, Nigéria, Burkina Faso, Sudão, Chade, Gana, Benin, Marrocos, Tunísia, Ruanda e República Democrática do Congo formam um mosaico que recusa a ideia de uma única “cinematografia africana” e evidencia a variedade estética de um continente com múltiplas tradições audiovisuais.

Uma de suas iguarias, “O Pescador” (“The Fisherman”), de Zoey Martinson, vindo de Gana, lotou salas na Mostra de São Paulo, em 2025, e deve agora mobilizar cariocas. Eis uma aula de realismo mágico que rendeu à sua diretora uma láurea da Unesco no Festival de Veneza. Seu protagonista, um pescador ganês, estava afastado do ofício, mas embarca numa jornada inusitada, ao lado de um peixe falante (e sarcástico!), em busca do sonho de ter um barco. Na jornada, ele aprende a se adaptar ao mundo moderno.

Criada há nove anos, a Mostra Africana tornou-se uma plataforma continuada de difusão do audiovisual contemporâneo africano no Brasil. Em sua trajetória, passou por sete cidades, realizou 22 edições, exibiu mais de 400 filmes, recebeu mais de 65 convidados e promoveu 45 atividades de formação, alcançando um público superior a 350 mil pessoas. Nesta passagem pelo Rio, uma das apostas está justamente na possibilidade de desmontar a velha associação entre cinema africano e um registro exclusivamente social ou realista. A fantasia aparece como instrumento político; o

sobrenatural, como caminho de elaboração da memória; a sci-fi, como veio para discutir tecnologia e futuro; e o terror como abertura de cicatrizes, para remexer feridas ancestrais. A programação combina dez longas e seis curtas, com obras realizadas entre 2022 e 2026, e traz ao Brasil a cineasta de Burkina Faso Aïcha Chloé Boro, que participa de um debate com o público no sábado, após a sessão de “As Desvirtuosas”.

Nessa coprodução de Burkina Faso e França, Natie descobre que sua avó foi obrigada a casar-se com um homem que não amava e decide procurar alguma forma de reparação para essa história, busca que acaba confrontando a personagem com seus próprios desejos de liberdade. A sessão de sábado (12), às 18h, será seguida de conversa com Boro.

Entre os títulos convocados, destaca-se “Crocodilo”, produção nigeriano-neozelandesa assinada por The Critics e Pietra Brett Kelly. O filme acompanha irmãos e primos de Kaduna que, com dinheiro curto e imaginação larga, convertem o quintal de casa em estúdio para aventuras futuristas. O gesto artesanal torna-se afirmação de autoria: em vez de esperar que uma indústria lhes ofereça os meios para filmar, os jovens inventam sua própria Hollywood doméstica. Achado de Locarno, “Cabra” (“Goat”, de Judy Kibinge, do Quênia, evoca traumas seculares. É um tocante estudo sobre reparação histórica envolvendo disputas territoriais, construído com ecos fabulares. Quando o noivo da jovem Suki leva sua amada a uma quinta isolada, a fim de comprar uma cabra, ela quer sair dali imediatamente, sem entender a razão do desconforto. No entanto, depressa se apercebe de que a antiga árvore Mugumo está a exigir que ela salde uma dívida da qual nem sequer sabia que tinha.

Agendado para sexta, às 18h, “Dëmm – Devoradoras de Almas”, de Aïda Captijn, acompanha uma jovem de Dakar diante da morte iminente da mãe e de um misterioso grupo de mulheres capazes de devorar almas. Já “O Herói Sombrio”, do ruandês Serge Girishya, também marcado para sexta, coloca um escultor diante do passado violento que tentou abandonar.

Com sessão neste 11 de setembro, às seis da tarde, o nigeriano “Bam Bam”, de Tolulope Itegeboje, apresenta um rapaz cuja melhor amizade é com uma IA, até que o interesse por uma colega o força a encarar a dificuldade de estabelecer vínculos humanos. Em “Sukari (Açúcar)”, do queniano Omar Hamza, a provocação vem pela sexualidade: depois de ouvir da mulher que jamais conseguiu satisfazê-la, Abbas embarca numa improvável educação sexual que abala suas crenças sobre desejo e masculinidade.

José da Silva é brasileiro e tem fome. Como tantos Josés, ele procura emprego, salário, comida e alguma maneira de sobreviver enquanto atravessa um país governado por interesses econômicos e políticos que parecem sempre maiores do que ele. Augusto Boal colocou esse operário no palco em 1960. Mais de seis décadas depois, a pergunta que acompanha a nova montagem de “Revolução na América do Sul” é incômoda: quanto desse Brasil realmente ficou para trás?

Dirigido por Wellington Fagner, o espetáculo chega terça-feira (8) ao Teatro Poeirinha, em Botafogo, onde permanece em cartaz até 21 de outubro. É a primeira temporada regular de uma montagem cuja trajetória começou antes da pandemia, passou pelo ambiente virtual, percorreu cidades fluminenses e atravessou o Atlântico.

O projeto nasceu em 2019, quando Cecília Boal, viúva do dramaturgo e uma das responsáveis pela preservação de seu legado, assistiu a uma leitura dirigida por Fagner. Aderbal Freire-Filho, presente naquele encontro, manifestou o desejo de receber o espetáculo no Teatro Poeira. A pandemia interrompeu o caminho até o palco.

A montagem estreou on-line em 2021, foi indicada ao Prêmio APTR na categoria Jovem Talento-Elenco e, no ano seguinte, percorreu oito unidades do Sesc no Estado do Rio. Em 2024, chegou a Portugal.

Agora José da Silva desembarca no Poeirinha carregando a mesma fome que o movia quando apareceu pela primeira vez no Teatro de Arena de São Paulo. A estreia original de “Revolução na América do Sul”, em 15 de setembro de 1960, teve direção de José Renato e representou um marco na produção do Arena. Em lugar do realismo que marcava boa parte da dramaturgia produzida naquele ambiente, Boal construiu uma sucessão de quadros, caricaturas, canções e situações farsescas para acompanhar o percurso de um trabalhador esmagado pela exploração econômica, pela propaganda eleitoral e pelas negociações políticas.

Era também um momento decisivo na busca por uma dramaturgia brasileira. A peça surgiu no ambiente do Seminário de Dramaturgia do Teatro de Arena, criado para estimular autores a escrever sobre o país e colocar brasileiros até então pouco representados no centro do palco. “O objetivo do Boal era que houvesse uma dramaturgia nacional, e esse gesto de instigar os escritores brasileiros a criarem uma dramaturgia própria já era, em si, uma ação política, porque só se encenavam peças estrangeiras”, observava Cecília Boal.

A experiência iria além daquela temporada. A pesquisadora Iná Camargo Costa identifica a peça



“Revolução na América do Sul”, que ganha nova montagem pelas mãos de Wellington Fagner, foi encenada pela primeira vez em 1960 pelo Teatro de Arena

A fome atravessa o tempo

‘Revolução na América do Sul’ retorna aos palcos e confronta o operário criado por Augusto Boal em 1960 com a precarização do trabalho contemporâneo

como pioneira do teatro épico no Brasil e aponta nela características de agitprop. Uma das cenas sobre a presença do imperialismo na vida cotidiana dos trabalhadores chegou posteriormente ao repertório dos grupos do Centro Popular de Cultura, o CPC, no início dos anos 1960.

É justamente a distância entre aquele Brasil e o atual que interessa à montagem de Fagner. O operário industrial de Boal encontra hoje

um mercado marcado pela informalidade, pelo trabalho mediado por aplicativos e pela chamada “uberização”. A atualização não pretende apagar o contexto histórico do texto, mas descobrir o que continua pulsando sob ele.

“A montagem busca atualizar o clássico de Boal entendendo que, embora o texto original seja datado em seu contexto histórico, a encenação e as dores da classe trabalhadora permanecem urgentes”, afirma o diretor.

Para estabelecer essa ponte, Fagner investe em comicidade, música e paródia política. Elementos do teatro de revista também aparecem na construção das cenas. Os personagens permanecem distantes do realismo psicológico: são tipos sociais e caricaturas utilizados para expor mecanismos do capitalismo e do jogo eleitoral.

A escolha dialoga diretamente com a arquitetura dramática

“O objetivo do Boal era que houvesse uma dramaturgia nacional, e esse gesto de instigar os escritores brasileiros a criarem uma dramaturgia própria já era, em si, uma ação política”

CECÍLIA BOAL

criada por Boal. José da Silva não é apenas um indivíduo. É um trabalhador transformado em síntese de uma classe e lançado numa espécie de via-crúcis econômica. Enquanto tenta simplesmente comer, encontra pela frente as contradições de um sistema que transforma sua necessidade mais elementar em problema político.

O ator Junior Melo vê justamente nessa fricção entre épocas uma das forças do reencontro com a obra. “A cena teatral contemporânea traz as questões urgentes do presente, mas sempre em fricção com o passado”, afirma. Para ele, “Revolução na América do Sul” permanece um clássico da dramaturgia política brasileira. E arrisca uma definição para seu autor: “Boal é nosso Shakespeare com a língua dos três ‘P’ – popular, político e poético”.

No palco, Cássio Duque, Junior Melo, Letícia Ambrósio, Levi Duarte, Nathalia Cantarino e Ritiele Reis retomam uma história escrita quando o Brasil discutia industrialização, salário, capital estrangeiro e soberania nacional.

Mudaram o vocabulário, as relações de trabalho e os personagens do debate político. José da Silva, entretanto, continua com fome.

SERVIÇO

REVOLUÇÃO NA AMÉRICA DO SUL

Teatro Poeirinha (Rua São João Batista, 104, Botafogo)

De 8/9 a 21/10, terças e quartas (20h)

Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

EM CONCERTO

por MARCUS VERAS

A gaita de Staneck tem o corpo de titânio e faz frente aos tradicionais produtos alemães e japoneses



Divulgação

A invasão chinesa chega ao universo das gaitas

Nem só de carros elétricos vive a invasão chinesa no Brasil. O consagrado gaitista José Staneck, por exemplo, já se bandeou para a East Top, a novidade oriental que tomou de assalto o mercado brasileiro.

“Os instrumentos chineses melhoraram muito. A relação custo-benefício é excelente. Boa durabilidade, boa tocabilidade e preços muito em conta”, pontua o músico.

Tradicionalmente, os instrumentos de orgiem alemã e japonesa dominam o mercado local através de marcas como a Hohner, C. A. Seydel Söhne, Suzuki e Tombo.

O modelo de gaita adotado por Staneck tem o corpo de titânio e faz frente aos tradicionais produtos alemães e japoneses que chegam ao Brasil muito caros. É o Dragão Vermelho ocupando espaços pelo mundo...

Rumos do violão

Já estão abertas as inscrições para o I Encontro de Violonistas Compositores que será realizado de 4 a 6 de dezembro no Centro de Música Carioca Arthur da Távola (Rua Conde de Bonfim 84, Tijuca). Serão oficinas, palestras e concertos, além da apresentação das novas obras selecionadas em “Novos Rumos do Violão Brasileiro”. O prazo termina em 30 de setembro; mais informações em www.mostrafred.com.

Eu recomendo

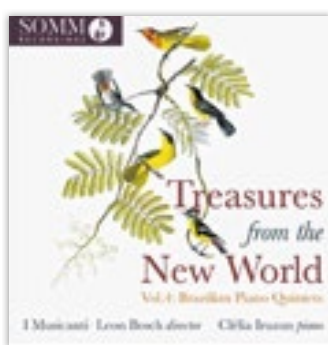
Anote na agenda: Concertos para a Juventude com a Orquestra Sinfônica Brasileira – O Pequeno Rossini. Narração de Natália Lorangeira, regência de Elber Ramos. Dia 13 de setembro, domingo, às 11 horas. Teatro Carlos Gomes (Praça Tiradentes s/nº), ingressos a R\$ 10.

Octeto na Guiomar

Outra dica valiosa: O Octeto de Cordas da Orquestra Sinfônica Jovem do RJ apresenta-se no Espaço Guiomar Novaes da Sala Cecília Meireles. No repertório, obras de Felix Mendelssohn e Ernani Aguiar. Dia 15 de setembro, terça-feira, 18h30. Ingressos a R\$ 20.

Compromisso com a música brasileira

Já está no Spotify o álbum “Brazilian Piano Quintets” com obras de João Guilherme Ripper, Arrigo Barnabé entre outros, interpretadas pela pianista carioca Clélia Iruzun e o grupo I Musicanti. Radicada há anos na Europa, Clélia mantém um compromisso firme com a música brasileira — e isso se reflete em seus álbuns e concertos.



Divulgação

A cuíca é pop!

Aos 75 anos, Índio da Cuíca lança ‘Zing Zing’, álbum que aproxima samba e experimentação com oportunas participações de Ana Frango Elétrico, Siba e Juçara Marçal

AFFONSO NUNES

A imagem de Zé Pilintra deslizando em moonwalk enquanto Michael Jackson arrisca um miudinho na Lapa serve sintetiza o universo que o ritmista Índio da Cuíca constrói em “Zing Zing”. Aos 75 anos e com mais de cinco décadas de estrada, o músico lança pelo selo carioca QTV seu segundo álbum solo, fazendo da cuíca o ponto de encontro entre ancestralidade, samba e experimentação.

Nascido no Morro do Borel e formado musicalmente no ambiente das escolas de samba cariocas, Índio não se limita ao instrumento que leva no nome. Canta, dança e improvisa, mas não larga da cuíca. A combinação o levou a palcos internacionais, em apresentações da Suíça à Tunísia, e a gravações ao lado de nomes como Alcione, Jair Rodrigues e Roberto Carlos.

Índio desenvolveu uma maneira de controlar melodicamente o instrumento, tradicionalmente associado à função rítmica, ampliando suas possibilidades sonoras. Em “Zing Zing”, essa experiência é a matéria-prima de um trabalho singular.

O disco chega cinco anos depois de “Malandro 5 Estrelas”, estreia solo lançada em 2021. A direção musical, os arranjos e os violões são de Gabriel de Aquino, filho do violonista João de Aquino, e Bernardo Oliveira, que divide a direção artística com Paulinho Bicolor. A produção combina o chamado “samba dub” com bandolim, piano, sintetizadores e percussões de caráter ritual.

O repertório nasceu, em parte, de registros de voz, berimbau e cuíca feitos pelo próprio Índio e posteriormente desenvolvidos com parceiros de diferentes gerações. O



Rafael Meliga/Divulgação



Divulgação

Ritmista, cantor e dançarino, Índio da Cuíca faz de ‘Zing Zing’, seu segundo álbum solo, uma deliciosa zona de interseção da samba com sonoridades pop

pernambucano Siba (Mestre Ambródio) participa de “Cangalha do Boi”, samba-embolada de João Martins e Raul DiCaprio. A carioca Ana Frango Elétrico aparece em “Alguém Me Chama”, parceria de Índio com Romulo Fróes. E Juçara Marçal interpreta “Gracinha”. Manu da Cuíca assina versos de “Sabença e Dendê”.

O passado familiar também atravessa o álbum. Índio recupera “Magia Africana no Brasil e Seus Misteriosos”, composição de Jorge T. Machado, o Gambazinho, seu irmão.

Toda essa mistura entre memó-

ria e invenção atinge a concepção visual do trabalho. A Lapa fornece a paisagem, enquanto referências aos fotógrafos africanos Seydou Keita e Malick Sidibé orientam a direção de arte de Rafael Meliga, responsável também pelas fotografias, e Lucas Pires, com styling de Natasha Ribas.

Entre o terreiro, o cabaré, a escola de samba e o palco internacional, Índio passou décadas fazendo da cuíca uma extensão do próprio corpo. Em “Zing Zing”, faz desse universo um convite a dança. Os DJs vão deitar e rolar nas pistas com a ginga pop de Índio e sua inseparável cuíca.

CCXP26 se curva à majestade de Marta

Livia Villas Boas/ CBF

Com esportes cada vez mais presentes, evento de cultura pop vai celebrar a Rainha do Futebol

PEDRO SOBREIRO

Aquela história de que o público geek não se mistura com os fãs de esporte ficou no passado. Com as tribos se misturando cada vez mais, o amor pelo esporte adentrou de vez na cultura pop, criando tendências e franquias que dialogam cada vez mais com esses universos. No Brasil, obviamente, o principal esporte – e parte da identidade cultural – é o futebol. E fazendo a transição de 2026 para 2027, ano em que o país vai sediar a Copa do Mundo Feminina de Futebol pela primeira vez na história, a CCXP26 vai sediar um painel mais do que especial voltada para a Rainha do Futebol: Marta.

No domingo (6 de dezembro), os geeks de todo o país se reunirão na feira para assistir o painel sobre a cinebiografia da camisa 10 da Seleção Brasileira, que será interpretada nos cinemas por Alice Carvalho ('O Agente Secreto'). Para falar sobre a produção, subirão ao palco Alice e a própria Marta, que participará pela primeira vez de uma CCXP.

Ao Correio da Manhã, o Diretor Executivo da Omelete Company, Thiago Romariz, afirmou que essa influência dos esportes é uma tendência que deve crescer no futuro da CCXP.

– Eu acho que vamos ter mais [ativações esportivas na CCXP], porque se você assiste a coisas da NBA, NFL ou do futebol mesmo, cara... A quantidade de referências de cultura pop que existe é gigante, e por um motivo muito natural, né? Os jogadores, os clubes, as pessoas que são responsáveis pela comunicação desses clubes, dessas competições e tudo mais, elas são fãs de cultura pop, como todos nós também somos. Então é natural que isso acabe se revertendo em algum tipo de paixão e conexão que a



Artilheira da Seleção Brasileira em Copas do Mundo e seis vezes eleita a Melhor Jogadora do Mundo, Marta estará na CCXP26

Conspiração Filmes



Alice Carvalho está interpretando a Rainha Marta na cinebiografia da atleta, e também estará na CCXP26

gente veja. Eu acho que esporte, assim como cultura pop, ele move as pessoas a partir da paixão, de algo que você gosta muito. E a CCXP é o lugar ideal para isso, né? – afirmou Romariz.

Ele também comentou sobre o caminho inverso: o esporte olhan-

do para a CCXP como um caminho viável para dialogar com diferentes públicos.

– Eu acho que, hoje, dentro da CCXP a paixão pelo esporte encontrou um lugar que pode não só entregar uma experiência legal para quem é fã daquele esporte, daqueles

“Eu acho que, hoje, dentro da CCXP a paixão pelo esporte encontrou um lugar que pode não só entregar uma experiência legal para quem é fã daquele esporte, mas também para apresentar essas paixões para um público novo”

THIAGO ROMARIZ

times, daquelas franquias, digamos assim, mas também para apresentar essas paixões para um público novo. E a CCXP tem uma média de idade baixa, tem um público muito de família, então é natural que você olhe para o futebol, para o basquete, para o futebol americano, para qualquer outro tipo de coisa e você precise de uma renovação de público. A gente sabe como isso é necessário para todo mundo, para qualquer marca. Então, acho que a CCXP é muito lugar para para esse tipo de conexão e de todas as iniciativas que eu vi de marcas nos últimos anos, talvez a parte dos esportes tenha sido a que me deixou mais feliz, porque tem tudo a ver. Ano passado a gente teve o UFC também, sabe? Então, eu acho que tem algo muito interessante aí que pode ganhar cada vez mais corpo

dentro do evento – disse.

Sobre a presença de Marta e Alice no painel em homenagem à Rainha, o diretor definiu como um grande reconhecimento às histórias brasileiras.

– Levar esse projeto para a CCXP26 é reconhecer a força que histórias brasileiras têm para mobilizar e emocionar diferentes públicos. A trajetória da Marta tem todos os elementos de uma grande narrativa. É marcada por superação, conquistas que atravessaram fronteiras e um impacto que transformou para sempre o futebol feminino, inspirando toda uma geração de meninas – concluiu Thiago Romariz.

A CCXP26 será realizada no São Paulo Expo, na capital paulista, entre 3 e 6 de dezembro deste ano. Os ingressos já estão à venda.

FOTOCRÔNICA CARLOS MONTEIRO

FOTOS E TEXTO

A solidão das coisas

Há coisas que parecem nascer para a solidão. Uma cadeira vazia diante da janela. Um copo esquecido sobre a mesa. Um barco afastando-se devagar da areia. Mas talvez a solidão seja apenas uma maneira diferente de estar acompanhado. No Rio, até o silêncio encontra companhia.

Basta um homem velejando sozinho pela Baía de Guanabara. Pequeno diante da imensidão azul. A vela branca recortando o horizonte. O vento conduzindo o barco como quem conhece o caminho. Ele vai só. Mas não está sozinho. Tem o mar. Tem o céu e tem o Rio. A cidade observa.

Do alto do Corcovado, o Cristo parece guardar aquele pequeno velejador. O Pão de Açúcar acompanha a travessia. As montanhas fazem moldura. E a solidão ganha outra dimensão. É quase uma conversa sem palavras. No Leblon, outro solitário entra no mar. As ondas estão agitadas. Brutas. Bonitas. Ele nada contra elas. Braçada após braçada. A cidade permanece na areia, olhando. Os edifícios parecem espectadores silenciosos. O Dois Irmãos, ao fundo, é testemunha. O nadador está sozinho dentro daquela água inquieta. Mas o Rio nada com ele. Há uma beleza particular nos gestos solitários. O kite-surfista que corre pela areia, segura a pipa e deixa o vento levá-lo. Por alguns segundos, parece voar. O praticante de asa-delta que se lança da Pedra Bonita. Primeiro, o salto. Depois, o silêncio.

Lá embaixo, o Rio se abre inteiro. Praias. Montanhas. Lagoas. Florestas. A cidade que, vista de cima, parece menos apressada. Menos barulhenta. Quase uma maquete construída pela natureza para lembrar ao homem que ele é pequeno. O parapente também conhece essa sensação. Planando. Flutuando. Suspenso entre o céu e o mar. Sozinho. Completamente sozinho. E, ao mesmo tempo, acompanhado por uma cidade inteira. Talvez seja esse o segredo do Rio. Aqui, ninguém está realmente sozinho. Há sempre uma paisagem por perto. Uma montanha. Uma árvore. Uma nuvem. Uma gaivota atravessando o enquadramento. Um raio de sol pousando sobre o mar. Até os objetos têm sua própria solidão. Uma prancha encostada na areia depois do último mergulho. Uma bicicleta esquecida junto ao calçadão. Um banco vazio diante do oceano.

Um barco amarrado no cais, balançando lentamente, como se ainda sonhasse com o próximo destino. O fotógrafo entende essas coisas. Porque fotografa justamente aquilo que parece não pedir fotografia. Um instante. Uma ausência. Uma espera. A beleza escondida no que permanece quieto enquanto o mundo passa. Talvez a solidão não seja ausência. Talvez seja presença em estado puro. Quando estamos sós, percebemos melhor o vento. O som das ondas. A mudança da luz. O cheiro da maresia. O desenho das montanhas. E percebemos a cidade. O Rio torna-se companheiro. Não fala. Não pergunta. Não exige. Apenas está. Está quando o sol nasce atrás das montanhas. Está quando a tarde dourada toca os prédios. Está quando o mar escurece e as primeiras luzes se acendem na orla. Por isso, quem veleja sozinho, nada sozinho ou voa sozinho talvez esteja apenas experimentando outra forma de companhia.

A melhor delas. Aquela que não precisa de palavras. Porque há momentos em que basta olhar ao redor. E descobrir que a cidade maravilhosa está ali. Sempre ali. Como uma velha amiga. Como uma fotografia que nunca se repete. Como uma companheira silenciosa para todas as nossas pequenas e belas solidões.

